

E agora Reagan? O caso Irã-contras nas páginas da revista Veja (1986-1987)

DAVID ANDERSON ZANONI¹
Universidade de Passo Fundo

Resumo: Em 1986 um escândalo político internacional abalaria a dita credibilidade do governo Ronald Reagan nos Estados Unidos. Tratava-se da negociação secreta de armas com membros do governo do Irã e o desvio de dinheiro, obtido com a venda das armas, para financiamento das ações do grupo paramilitar da Nicarágua, os contras. O evento foi comparado ao caso Watergate em 1972, no governo de Richard Nixon, quando na ocasião houve a renúncia de Nixon ao cargo de presidente pouco tempo depois. Os desdobramentos deste episódio da recente história política dos Estados Unidos foram noticiados no mundo inteiro, e, propomos neste artigo, a análise dos fatos reportados pela revista semanal *Veja*, que acompanhou os desdobramentos do processo de investigação acerca dos fenômenos históricos já referidos. A luz do perfil editorial e ideológico do semanário, objetivamos analisar como o periódico noticiou no Brasil o tenso momento político estadunidense.

PALAVRAS CHAVE: Estados Unidos, Irã, Irã-contras, Revista *Veja*.

Abstract: In 1986 an international political scandal would undermine the credibility of the Ronald Reagan administration in the United States. These were the secret arms negotiation with members of the Iranian government and the diversion of money from the sale of arms to finance the actions of the paramilitary group of Nicaragua, the contras. The event was compared to the Watergate case in 1972 under Richard Nixon, when Nixon resigned shortly thereafter. The developments in this episode of the recent political history of the United States have been reported worldwide, and we propose in this article the analysis of the facts reported by the weekly magazine *Veja*, which accompanied the unfolding of the investigation process about the historical phenomena already mentioned. In light of the editorial and ideological profile of the weekly, we aimed to analyze how the newspaper reported in Brazil the tense political moment in the United States.

Keywords: United States, Iran, Iran-cons, *Veja* Magazine

1 Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (PPGH/UPF). E-mail: david_zanoni@hotmail.com

Introdução

O Irã-contras insere-se em um processo historiográfico com fenômenos correlacionados e, assim sendo, de maior amplitude do que aparenta. Trata-se da chamada Revolução iraniana ou também encontrada na produção acadêmica de revolução islâmica, a qual destronou o imperador do Irã, o xá² Mohammad Reza Pahlavi em janeiro de 1979. A partir desse fenômeno político de mudança governamental no Irã, as relações entre Estados Unidos e Irã sofreram significativas mudanças. O grupo que assumiu o poder, os aiatolás³, capitaneados pelo então líder revolucionário, o aiatolá Ruhollah Musavi Khomeini, deram início a uma série de sanções políticas e econômicas a vários países do Ocidente, em especial com os Estados Unidos. Esse choque se deve, em grande medida, às relações econômicas e políticas entre o governo de Washington e o Irã durante o governo do xá, sendo que os Estados Unidos realizou ao longo de quase quatro décadas significativas transações de armas por petróleo e treinou o exército do xá, fortalecendo uma ferrenha ditadura que perseguia e eliminava opositores do regime autocrático de Mohammad Reza Pahlavi (1941-1979). Com a queda de Pahlavi, veio à tona o ranço islâmico ao Ocidente, sobretudo pelo fato do ex-ditador iraniano ter um projeto ocidentalista, o qual afrontava os religiosos xiitas e aumentava a desigualdade social iraniana.

O xá saiu do Irã exilando-se, justamente, nos Estados Unidos, o que aumentou o ódio dos iranianos revolucionários. Já nos primeiros meses da, recém instaurada, República Islâmica do Irã, um significativo número de pessoas, em especial estudantes que estiveram à frente do movimento de deposição do xá, exigiam o retorno do monarca para ser julgado pelas

2 Em farsi xâh, é uma denominação atribuída a uma série de monarcas iranianos que antecederam a revolução iraniana de 1979.

3 Entre os muçulmanos xiitas, altos dignitários na hierarquia religiosa.

novas leis da república. Além disso, exigiam igualmente que o governo estadunidense devolvesse o montante que o xá depositou em bancos norte-americanos, o que era entendido pelos iranianos como um assalto aos tesouros do Irã, levando em consideração que o referido dinheiro provinha dos impostos pagos pelos iranianos ao governo do xá por décadas.

Com este cenário, o Irã, nos primeiros meses da República, elegeu seus inimigos e colocou a cabeça do xá a prêmio. Como de costume, o governo da Casa Branca informou que não extraditaria Pahlavi, alegando que não negociava com terroristas e, além disso, que o ex-xá estava tratando-se de um câncer no sistema linfático em Nova Iorque, doença que levou-o à morte um ano depois, em 1980. Mesmo assim, os iranianos não declinavam das exigências, tanto do retorno de Mohammad Pahlavi, quanto do reembolso financeiro dos patrimônios do xá.

Em virtude do não progresso das negociações a respeito das reivindicações iranianas para Washington, em 4 de novembro de 1979, estudantes de Teerã, invadiram a embaixada dos Estados Unidos na capital iraniana. Rendendo alguns fuzileiros navais que faziam a segurança do local, os invasores tomaram rapidamente todo o complexo da chancelaria estadunidense, um conjunto de edificações com cerca de 25000 metros quadrados, fazendo cerca de cem funcionários, entre diplomatas, seguranças e pessoas que estavam na embaixada. Iniciava assim um episódio que ficaria marcado na história diplomática e das relações internacionais no mundo, em especial entre Estados Unidos e Irã, o chamado “crise dos reféns do Irã”.

A revista *Veja*, noticiou os eventos de Teerã continuamente, durante a maioria dos 444 dias que envolveram negociações, tentativa de resgate, promessa de “justiçamento” dos reféns e soltura de alguns encarcerados. Com reportagens que iam desde a capa, até blocos inteiros

de reportagem internacional, editorial e sessão de cartas dos leitores, a revista acompanhou os episódios oriundos de Teerã, observando como o mundo reagia ao fenômeno histórico em curso. Evidentemente que cada veículo de imprensa, levando em consideração a ideologia que defende, ou a linha editorial que seus proprietários escolhem, faz uma seleção daquilo que considera digno de noticiabilidade, ou de ser exposto. A respeito disso, entendemos que Patrick Charaudeau (2013), em sua obra “Discurso das mídias”, problematiza tal questão a partir da ideia de que,

A máquina midiática é complexa, igualmente, pela tensão permanente que existe entre as duas finalidades da informação e de captação de seu contrato de comunicação. Isso explica por que ela está marcada por um paradoxo: por um lado, pretende transmitir informações de maneira mais objetiva possível, e isso, em nome de valores cidadãos, por outro, só pode atingir as massas se dramatizar a cena da vida política e social. Essa contradição não tem remédio: apresentar a informação de maneira mínima e neutra contraria a instância midiática de grande público; apresentar a informação exageradamente dramatizada a faria cair em descrédito. Assim sendo a palavra jornalística está minada pela máquina que ela deve servir. Pelos efeitos que produz, essa máquina é dificilmente controlável⁴.

Assim, legitimada com a chamada imparcialidade ou compromisso com a verdade e com seus leitores, a revista *Veja* organizou a exposição dos fatos como lhe convinha. A partir disso é que propomos analisar como o referido periódico semanal transpôs aos seus leitores o caso do *Irã-Contras*, ou seja, o chamado escândalo político do governo Ronald Reagan. Levando em consideração que *Veja* é marcadamente uma revista vinculada

4 CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso das mídias**. Tradução Angela M.S Correa. São Paulo: Contexto, 2013, p.243.

ao plano ideológico mercadológico e, por conseguinte, neoliberal, o olhar que lançava sobre os atos do Irã eram notoriamente de crítica e acusação. Em contrapartida, quanto aos Estados Unidos, estes sempre foram vistos como vítimas do governo irracional e ilegítimo no Irã, o qual, segundo a própria revista, feria todas as regras de respeito aos direitos humanos, entre nações civilizadas.

Os espaços editoriais (carta ao leitor, reportagens / matérias, colunas de opinião, entrevistas) de *Veja* são utilizados para defender projetos e programas permanentemente. É esse o sentido do peso que é dado pela revista para a cobertura de fatos políticos. Através deles, abrem-se e fecham-se espaços para os diferentes interesses industriais, comerciais, bancários ou financeiros. [...] A revista agiu muitas vezes nesses debates da grande política como *partido*, organizando e encaminhando a hegemonia capitalista⁵.

Entretanto, agora, a questão torna-se paradoxal: como *Veja* iria transpor ou reportar os Estados Unidos, frente ao Irã e à própria Nicarágua, aos seus leitores brasileiros, acerca de um escândalo que colocava o governo norte-americano no centro dos eventos ilegais ou ilícitos? Primeiramente, temos que rememorar alguns eventos passados, assim como foi referido no início deste artigo.

Ocultando os cerca de quarenta anos de patrocínio ao governo despótico e repressivo do xá, a revista não tratava de contextualizar os leitores o que de fato tinha levado o Irã a concentrar esforços no ataque contra os Estados Unidos. Esse silenciamento deixava o governo da Casa Branca em uma posição de vítima, enquanto o Irã apresentava-se como

5 SILVA, Carla Luciana. *Veja: o indispensável partido neoliberal (1989-2002)*. Cascavel: Edunioeste, 2009, p. 24.

uma tresloucada nação antiprogressista, irracional e de fanáticos religiosos, apenas para usar alguns termos que a revista costumava utilizar ao se referir do Irã, configurando assim um país de terroristas e fanáticos religiosos fundamentalistas. Ainda recorrendo ao autor francês, analista dos discursos das mídias,

O acontecimento, no que tange à sua significação, é sempre o resultado de uma leitura, e é essa leitura que o constrói. O acontecimento midiático, no caso, é objeto de uma dupla construção: a de uma encenação levada a efeito pela transmissão, a qual revela o olhar e a leitura feita pela instância midiática, e a do leitor-ouvinte-telespectador que a recebe e interpreta. Os efeitos resultantes são múltiplos, ligados à maneira pela qual as encenações visuais, os relatos e os comentários jornalísticos influenciam-se mutuamente⁶.

Entre os anos de 1979 e 1981, várias tentativas de negociação para resolução do caso foram propostas. Após algumas tentativas não se chegava a uma solução, tendo em vista que nenhum dos países recuava de suas exigências. Em meio a esse clima de incertezas, mais precisamente durante o ano de 1980 teve início a corrida presidencial para ocupar pela 40ª vez o governo dos Estados Unidos. Jimmy Carter então presidente, pelo partido Democrata, concorria contra o candidato republicano Ronald Reagan. Obviamente o candidato da oposição utilizou-se do caso dos reféns para minar a campanha de reeleição de Carter. Como as tentativas não avançavam, Reagan jogou a opinião pública estadunidense contra Carter, cobrando um ponto final na crise diplomática com o governo iraniano.

Em fevereiro de 1981, após vencer as eleições, Ronald Reagan no discurso de posse, anunciaria a resolução do caso, com a soltura dos 52 reféns que haviam permanecido sob o cárcere dos iranianos no período

6 CHARAUDEAU, Idem.

explicitado. Era o começo de um governo que dava como ponta pé inicial o fechamento “milagroso”, do impasse entre o governo estadunidense e iraniano. Seis anos após ser considerado um herói nacional pela resolução da “crise dos reféns”, Reagan viria, a partir de outubro de 1986, já em seu segundo mandato, o governo de ações irretocáveis tornar-se um “castelo de baralho”. Aqui chegamos ao elemento principal deste artigo, o caso *Irã-contras*.

Para tanto, foram selecionadas algumas edições que trataram do assunto que estamos propondo para esta proposta. A edição número 949 de 12 de novembro de 1986 inaugurou a exposição dos fatos acerca do caso *Irã-contras*. Com o título: “Conexão Reagan: iranianos revelam troca de armas por reféns”, a revista trazia os primeiros elementos da trama que se revelaria um escândalo diplomático estadunidense. Seguindo a sequência dos eventos noticiados, as edições 950, 951, 952, 953, 955, 956, 965 e 966⁷ compõe o *corpus* desse estudo. A escolha das referidas edições do semanário, se justificam pela sequência da exposição de reportagens que a revista deu ao tema e, principalmente, por entendermos que contemplam, de forma mais significativa, os objetivos propostos dessa pesquisa.

Além disso, faz-se importante destacar dois aspectos neste estudo: primeiramente, a importância do uso da imprensa como fonte de pesquisa para produção historiográfica⁸, neste caso a revista semanal *Veja*, elemento já consolidado entre os historiadores⁹. Segundo, o recorte a que se propõe esse artigo está inserido em uma categoria recente e de renovação, tanto das

7 Todas as edições citadas foram consultadas através do acervo digital da revista *Veja* da Editora Abril disponível em <https://acervo.veja.abril.com.br/index.html> acesso de setembro de 2015 a novembro de 2016.

8 Cf. MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista: Imprensa e práticas culturais em tempos de República**. São Paulo: Editora da USP; Fapesp, 2008.

9 Cf. LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanesi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

fontes de pesquisa quanto da metodologia aplicada. Essa renovação iniciada já nos anos 1970 e que tem ganhado cada vez mais visibilidade entre os pesquisadores é a História do tempo presente.

A história do tempo presente tem mobilizado segmento expressivo da comunidade de historiadores no plano nacional e internacional. Inscreve-se em um movimento mais amplo de renovação historiográfica que trouxe consigo revitalização da história política, ampliação do uso das fontes, valorização da interdisciplinaridade, maior diálogo com as ciências sociais, recusa de explicações deterministas e totalizantes, valorização de atores individuais e coletivos, relação dialética entre história e memória¹⁰.

Assim sendo, a proposta de análise das edições da revista *Veja*, acerca dos fatos relacionados ao episódio denominado “*Irã-contras*”, tem como ideia a escrita da história através da imprensa, a qual, não apenas como confirmação dos fatos, mas, principalmente, com um olhar crítico e reflexivo acerca da forma como os fatos eram noticiados, para quem e com qual objetivo a luz dos critérios estabelecidos pelo editorial do periódico, observando, igualmente, a existência ou não da produção de sentidos por parte deste.

A Conexão Reagan: o início dos acontecimentos

Como já referido, a edição 949 datada de 12 de novembro de 1986 reportaria os eventos ocorridos a respeito da comercialização de armas entre Estados Unidos e Irã de forma secreta. Segundo a reportagem,

10 DELGADO, Lucília de A. Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org). **História do tempo presente**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014, p.7.

Fantasiados de tripulantes, com passaportes irlandeses falsos, cinco americanos comandados por um ex-funcionário da Casa Branca desembarcaram clandestinamente no aeroporto de Teerã, a capital iraniana. Num avião militar, a missão trazia mísseis terra-a-terra, peças de reposição para caças F-4, radares e aviões de transporte C-130 para a força aérea do Irã – um arquinimigo dos Estados Unidos desde a chegada do aiatolá Khomeini ao poder¹¹.

Ao noticiar o caso, a revista ressalta que as relações bilaterais entre os países em questão, estavam rompidas a partir do ingresso de Khomeini ao poder, ou seja, o resultado da revolução iraniana. A ênfase no fato das relações entre os países estarem oficialmente quebradas era uma espécie de pergunta retórica do semanário: por que os Estados Unidos estaria negociando com um país que declarava ódio aos estadunidenses? A pergunta nas entrelinhas seria respondida em seguida.

Na bagagem de mão, a missão levava uma carga suplementar repleta de simbolismo: cinco pistolas Colt de presente para os chefes militares iranianos, uma bíblia autografada pelo presidente Reagan com uma mensagem enfatizando que todas as religiões se parecem, um bolo em forma de chave representando a reabertura das relações entre os dois países e uma carta pessoal do presidente americano pedindo a interferência de Khomeini na libertação de sete americanos mantidos reféns pelos xiitas do Líbano¹².

Caso semelhante à crise dos reféns do Irã, explicado anteriormente, desta vez a situação era contra o governo do Líbano. Reagan tentou recorrer ao governo do Irã para intermediar a soltura de sete estadunidenses que estavam sendo mantidos presos por libaneses xiitas, ou seja, da mesma

11 Revista *Veja*, 12 de novembro de 1986, p.58.

12 Idem.

ordem religiosa islâmica dos líderes iranianos. Nesta notícia aparece duas fotos: um grupo de iranianos em frente a antiga embaixada dos Estados Unidos no Irã, local de manutenção dos reféns entre 1979-1981, onde ocorria uma comemoração de aniversário da tomada da embaixada em novembro de 1979. A segunda imagem era do chefe da missão, o ex-conselheiro de segurança nacional do presidente Reagan, Robert McFarlane.

Com a primeira imagem, *Veja* parece reforçar o tom de ódio e antiamericanismo iraniano, com a segunda, entretanto, a imagem de um alto funcionário do governo americano, surpreso pelo fato de ter sido descoberto. As revelações do caso partiram do presidente do Parlamento iraniano, Hashemi Rafsanjani, em meio às comemorações de aniversário da ocupação da embaixada americana em 1979. Segundo Rafsanjani, “a missão foi um fracasso completo: os americanos, McFarlane inclusive, ficaram cinco dias presos em Teerã”, segundo a revista.

A reportagem terminava fazendo uma analogia da missão, adjetivada de “rocambolésca” pelo periódico, a qual, segundo *Veja* era tão desastrosa quanto à tentativa de resgate dos reféns da embaixada estadunidense em Teerã em abril de 1980, quando a operação *Blue Light*, fez com que 8 soldados estadunidenses perdessem a vida no choque acidental entre dois, dos três helicópteros *Tiger*, com destino a Teerã, no deserto do Kwait.

Conforme Osvaldo Cogiolla,

Em abril de 1980, tropas norte-americanas tentaram um resgate dos reféns, mas a operação fracassou. A missão de salvamento ordenada pelo presidente Jimmy Carter falhou quando os helicópteros enviados tiveram de enfrentar condições adversas de tempo no deserto de Tabas, e se espatifaram contra o solo matando seus tripulantes militares. Isso reforçou a ala do clero xiita no governo iraniano. Em 23 de fevereiro de 1980, Khomeini afirmou que o Parlamento iraniano iria decidir o destino dos reféns da embaixada

americana¹³.

Conforme descrito anteriormente, Carter estava sendo pressionado pela opinião pública e pelos republicanos no senado dos Estados Unidos a tomar providencias serias acerca da crise dos reféns. Após a falha na operação de resgate, Ronald Reagan cresceu nas pesquisas para o governo estadunidense. Desta forma, Carter perdia pontos junto ao eleitorado, fazendo com que Reagan passasse a ser a esperança dos estadunidenses na resolução da crise.

A história dos Estados Unidos na década de 1980 é marcada pelos dois governos Reagan (1981-1989). Segundo o professor colaborador do PPG em Ciências Políticas da UNESP de Campinas, Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes, o primeiro mandato foi “uma lua de mel prolongada”. Contudo, segundo Moraes, “é no segundo mandato do ator-presidente, momento em que se estilhaça aquela estátua esculpida do primeiro”.

Debaixo do tapete o déficit estourando, o endividamento, um caro e alucinado programa de defesa, uma série de compromissos externos perigosos, um dos quais iria assombrar o segundo mandato – o escândalo Irã-Nicarágua, conhecido como Irã-Contras. O escândalo deixou Reagan de fora do tiroteio. Sobrou para outros. Mas revelava a fragilidade surpreendente do herói e de sua maneira de governar. Começa o “unmaking” do presidente, a transformação do ídolo em fantasma¹⁴.

Não nos ateremos profundamente na história dos Estados Unidos

13 COGIOLLA, Osvaldo. **A revolução iraniana**. São Paulo: Editora UNESP, 2008, p. 84-85.

14 MORAES, Reginaldo Correia de. **Ronald Reagan, o presidente e sua sombra**. Jornal da Unicamp. Edição On-line, publicado em 25 de jul. de 2019. Disponível em <https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/ju/artigos/reginaldo-correa-de-moraes/ronald-reagan-o-presidente-e-sua-sombra> acesso em 23/04/2020 às 16h50min.

durante a década de 1980, por dois motivos: primeiramente, este estudo propõe a análise de um periódico brasileiro ao reportar os eventos ocorridos entre Estados Unidos e Irã cujo teor e o recorte temporal já foram expostos. Por fim, nosso propósito aqui é compreender como ou de que formas uma revista brasileira pode construir representações sobre determinados fatos se valendo de uma leitura unilateral e parcial, porém, revestindo-se do compromisso com a verdade dos eventos noticiados.

A sombra de Watergate

Esse era o título da edição 950, datada de 19 de novembro de 1986. Reagan pronunciou-se oficialmente sobre o caso pela primeira vez. Ele afirmava que nos últimos dias a população estadunidense e o mundo estavam ouvindo uma série de informações incorretas acerca dos fatos. Na coletiva, o presidente americano tentava explicar aos jornalistas os acontecimentos dizendo que “agora vocês vão ouvir os fatos verdadeiros de uma fonte da Casa Branca – e vocês sabem o meu nome.” Assim, Reagan objetivava passar uma imagem de controle da situação cotendo o ar de descrédito que pairava sobre seu governo.

Figura 1 – Presidente dos Estados Unidos em coletiva na Casa Branca dando explicações sobre a negociação de armas com o Irã: Fonte: Veja (1986, p. 58).



Chamando de “iniciativas diplomáticas secretas”, Reagan admitiu a venda de armas ao governo do Irã, chamado pela revista constantemente de “regime do aiatolá Khomeini”. Nos últimos 18 meses os Estados Unidos negociavam secretamente com o Irã, mas negava que essa negociação tivesse relação com os reféns estadunidenses aprisionados em Beirute no Líbano.

Em um subtítulo da reportagem “perguntas sem respostas”, a revista coloca em xeque a legalidade dos atos de Reagan, ao mencionar o ato de embargo, sancionado pelo próprio presidente quando da tomada da embaixada estadunidense em novembro de 1979. Em seguida *Veja* rememora o fato de novembro de 1979, dizendo que a tomada da embaixada foi “o maior espetáculo de terrorismo de Estado já praticado contra os EUA em tempo de paz”. Assim, mesmo reportando que os Estados Unidos, na figura de seu presidente, reconhecia a ilegalidade de seus atos, o fato torna-se menor uma vez que o país parece ter sido levado a tomar esse tipo de atitude contra um governo ilegítimo – o regime do aiatolá – em nome da ordem, da paz e da segurança nacional estadunidense.

Com o pé no atoleiro

A edição 951, datada de 26 de novembro de 1986, trazia como título “com o pé no atoleiro”. Nessa edição a foto do presidente americano e do aiatolá Khomeini aparece dispostas uma sobre a outra e coloridas. A reportagem iniciava dizendo que Ronald Reagan chegava ao final “da semana mais dramática dos seus seis anos de governo” com a notícia que seria instalada duas comissões de inquérito para averiguar o caso das negociações secretas e o envio clandestino de armas para o Irã.

O mais popular dos presidentes americanos amargou na semana um índice alarmante que jamais experimentara: segundo as pesquisas de opinião, ele não inspira mais credibilidade à maioria da população. Apenas 14% dos americanos acreditaram nos desmentidos feitos na semana anterior de que seu governo não estava negociando nem trocando armas por reféns americanos com o regime do aiatolá Khomeini¹⁵.

Figura 2 – Presidente dos Estados Unidos na TV dando explicações sobre a negociação de armas com o Irã: Fonte: Veja (1986, p. 76).



Ao traspor os fatos, a revista salienta que Reagan ainda possui 14% de aceitação e credibilidade acerca do seu governo. Dito de outra forma, 86% da população rejeita os atos do governo ou ficaram neutros, a reportagem não explicita essa informação. Outro aspecto dessa edição são os conflitos gerados pela situação entre os republicanos, apoiadores de Reagan e os democratas, oposição ao governo. Levando em consideração que no período de Jimmy Carter os republicanos exigiam medidas mais severas da Casa Branca com relação à crise dos reféns de 1979, agora era a vez dos democratas cobrarem explicações do presidente republicano.

"Eu esperava que ele recuperasse sua credibilidade", disse o senador democrata Sam Nunn, futuro presidente da Comissão das Forças Armadas, logo após a coletiva de Reagan. "Mas eu contei pelo menos sete contradições importantes em sua exposição. O problema piorou". Outro senador democrata, o reverendo Jesse Jackson, foi mais longe. "Essas negociações constituem verdadeiros crimes de Estado", acusou. "Já há motivos de sobra para o Congresso decretar o impeachment." "O povo americano não quer mais desculpas, mas sim saber o que está sendo feito para restaurar

a credibilidade do país na luta contra o terrorismo¹⁶”.

Apesar do conflito interno apresentado pelo periódico, com as acusações feitas pelos senadores democratas, integrantes das comissões de inquérito que apurariam as questões ligadas ao caso, um elemento em comum ainda unia os estadunidenses, o combate ao terrorismo iraniano. Ainda nesse sentido, a revista trazia, pela primeira vez desde que começou a reportar o fato, a declaração do aiatolá Ruhollah Khomeini, com o subtítulo “o grande satã”. Retórica comumente usada por *Veja* para sarcasticamente demonstrar o ódio dos iranianos contra os Estados Unidos, a revista dizia que Khomeini quebrava o silêncio que mantinha até o momento, admitindo seu “repúdio a Reagan”. “Uma grande explosão ocorreu na casa negra”, “vociferou o aiatolá, referindo-se à Casa Branca”¹⁷.

Nesse sentido, temos o aspecto do Orientalismo, a imagem construída pelo Ocidente do Oriente, ou seja, a produção de sentidos que legitimaram desde o século XVIII uma série de ações de impérios ocidentais, França e Inglaterra e, após a Segunda Guerra Mundial os Estados Unidos. Essas nações ditas democráticas, progressistas, liberais, civilizadas e modernas, se valeram de um conjunto de ideias pseudocientíficas para determinar os rumos políticos, econômicos e sociais de vários lugares no mundo, em especial a África e o Oriente Médio. Segundo Edward Said (2003), especialista neste assunto, o Orientalismo,

[...] não é um simples tema ou campo político refletido passivamente pela cultura, pela erudição ou pelas instituições; nem é representativo ou expressivo de alguma execrável trama imperialista “ocidental” para oprimir o mundo “oriental”.

16 Idem.

17 Revista *Veja*, 26 de novembro de 1986, p.77.

É antes a *distribuição* de consciência geopolítica em textos estéticos, eruditos, econômicos, sociológicos, históricos e filosóficos; é a elaboração não só de uma distinção geográfica básica (o mundo é composto de duas metades desiguais), mas também de toda uma série de “interesses” que, por meios como a descoberta erudita, a reconstrução filosófica, a análise psicológica, a descrição paisagística e sociológica, o Orientalismo não só cria, mas igualmente mantém; é, mais do que expressa, certa vontade ou intenção de compreender, em alguns casos controlar, manipular e até incorporar o que é um mundo manifestamente diferente¹⁸.

Portanto, *Veja* não deixava de reportar o caso como um grande escândalo diplomático e político, contudo, também não deixava de reforçar a periculosidade do Irã para a segurança e bem estar dos Estados Unidos. O Irã mantinha-se como irracional, incivilizado e, de algum forma, culpado da situação que ocorria nos Estados Unidos. Nesta edição, a revista trazia um Box explicativo com o título “o calendário da mentira”, descrevendo os 18 meses que Reagan e seus assessores do Conselho de Segurança Nacional conseguiram manter em segredo o caminho das armas para Khomeini e as reuniões que decidiram o futuro dos reféns americanos no Líbano, de junho de 1985 a novembro de 1986.

No canto do ringue

Em 3 de dezembro de 1986 a revista *Veja*, através da edição de número 952, dava sequência à série de reportagens sobre o repasse de armas do governo estadunidense ao Irã. A seção internacional do periódico

18 SAID, E. W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 40-41.

iniciava com o seguinte enunciado: “Reagan entrega duas cabeças, mas não evita a convocação de seus auxiliares pelo mesmo comitê do Senado que investigou Watergate”. A respeito das duas cabeças citadas no título da notícia tratava-se do então assessor de Segurança Nacional da Presidência, almirante John Poindexter, e seu principal auxiliar, coronel Oliver North, segundo a revista “apontados como únicos responsáveis pelo maior desastre do governo Reagan¹⁹”.

Figura 3 – Ronald Reagan sendo pressionado para dar explicações: Fonte: Veja (1986, p. 56).



Contudo, o que estava ruim para o governo de Ronald Reagan poderia piorar. Além do repasse de armas para o governo iraniano em troca dos reféns estadunidenses, havia um novo elemento revelado por assessores e membros do governo da Casa Branca. Tal notícia ainda não tinha sido

exposta para a imprensa, tratava-se do desvio de dinheiro obtido com a referida venda de armas e repassado aos grupos paramilitares que tentavam derrubar o governo da Nicarágua, país da América Central que vivia uma guerra civil intensa nos anos 1980. Os contras como eram conhecidos esses grupos estavam travando uma guerra cruel pelo poder político e o controle do narcotráfico na América do Sul. Em suma, Reagan estava patrocinando grupos terroristas que objetivavam romper com a democracia estabelecida na Nicarágua, e isso foi revelado por membros do seu governo. A caixa de pandora do governo Ronald Reagan estava aberta.

“Não sei quem começou tudo isso”. A frase, pronunciada na terça-feira pelo secretário de Justiça americano, Edwin Meese, funcionou como uma síntese da atmosfera de perplexidade e descrédito que se instalou na semana passada nos Estados Unidos ante a revelação de que altos funcionários do governo não só estavam envolvidos com a venda ilegal de armas ao Irã como ainda desviaram o dinheiro pago pelos iranianos para outra ação ilegal: o financiamento dos grupos armados – os contras – que combatem o governo da Nicarágua²⁰.

A trama era muito maior do que se pensava ou poderiam imaginar os estadunidenses. Enquanto ouviam seu presidente falar em combate ao tráfico internacional de armas, guerra ao terror e outros slogans do governo de Washington, descobririam aos poucos que tudo aquilo que era condenado, entretanto, eram práticas comuns na Casa Branca. Até Israel estava envolvido na complexa rede de acordos secretos. Foi justamente pelo estado israelense que as armas destinadas ao Irã eram transladadas, no que foi chamado mais tarde de “a conexão Israel”. Pressionado pelo parlamento israelense, o ministro das relações internacionais, Shimon Peres, confessou o que Reagan tentou negar: “Israel serviu de intermediário no envio de

armas²¹”.

Reagan cercado

A edição 953 datada de 10 de dezembro de 1986 estampava em sua capa o retrato de Ronald Reagan e a o título: “Reagan cercado”. O escândalo do tráfico de armas completava o enunciado da capa que mostrava o 40º presidente americano com um aspecto de vergonha ou fracasso. Contudo a escolha da cor azul parecia amenizar o tom de desastre político, quando comparamos com capas que traziam Khomeini, por exemplo, normalmente eram tons de vermelho ou preto, simbolizando guerras e trevas, respectivamente.

Figura 4 – Capa da revista Veja com o título: Reagan cercado: Fonte: Veja (1986)



Ainda assim, a imagem era clara, Reagan estava exposto ao julgo mundial. O equilibrado e seguro presidente parecia não ter saída. Contudo, como reportado na edição anterior, ele tinha seus “bodes expiatórios”, neste caso Poindexter e o coronel North. Esta edição, além da capa, dedicou onze páginas da seção internacional, ou seja, toda a parte das notícias internacionais estava exclusivamente retratando o caso das armas. Infográficos, imagens e boxes explicativos, foram preparados para resumir os eventos das últimas edições, didaticamente organizados para os leitores. Foi a maior cobertura internacional da revista do ano de 1986. Nenhuma outra edição dedicara tamanho espaço para um país ou um assunto em especial, agora com exceção do Irã e dos Estados Unidos.

Na reportagem interna, seção internacional, o título trazia o seguinte enunciado: “Reagan sente o gosto amargo da decadência”. Mesmo assim, o presidente estadunidense negava que tinha total conhecimento do tráfico de armas e, especialmente, do dinheiro para os anti-Sandinistas (os contras) da Nicarágua. Segundo a revista,

A Casa Branca formalizou quinta-feira passada um pedido à Corte de Apelações dos Estados Unidos para que nomeie um promotor especial para investigar a venda de 2 bilhões de dólares em armas para o Irã e o desvio ilegal do lucro – estimado em 50 milhões de dólares – para os anti-Sandinistas – os contras – que combatem o governo da Nicarágua. Dois comitês especiais foram criados no Congresso com o mesmo fim. O presidente Ronald Reagan, depois de muita relutância, finalmente admitiu, sexta-feira, que “houve erros²²”.

Contudo, a revista *Veja*, concluía, ao posicionar-se sobre as ações de Ronald Reagan, a partir do entendimento que o presidente dos Estados

Unidos era alvo de dois elementos que levaram ao desfecho desastroso de sua política, tanto interna, quanto externa. Tratava-se, portanto, não da culpa propriamente do presidente mais sim, segundo o periódico, da combinação de duas forças alheias ao poder do presidente: os assessores, o almirante John Poindexter e o coronel Oliver North, com sua incompetência para assuntos secretos e os iranianos, espreitando a primeira possibilidade possível de expor o presidente estadunidense na mídia.

O atoleiro em que se afunda Reagan é o resultado de uma operação nascida da imaginação delirante de um coronel, Oliver North, associado a um almirante com mania de segredos, John Poindexter, trabalhando para um presidente que retirava uma sensação de onipotência de incursões militares contra países quase indefesos como Granada e Líbia. Se tivesse dado certo, Reagan garantia um Natal com todos os reféns americanos libertados e em casa e acrescentaria muitos pontos a sua escala de popularidade. Deu errado porque os iranianos preferiram outra vez desmoralizar publicamente a maior nação do mundo, impondo a Reagan a humilhação que já tinham infligido ao presidente Jimmy Carter, em 1979, quando invadiram a embaixada americana em Teerã e mantiveram 52 diplomatas como reféns durante mais de um ano²³.

Figura 5 – Ortega e as revelações do envolvimento dos Contras no caso da venda de armas ao Irã: Fonte: Veja (1986f, p. 38).



A edição 955, de 24 de dezembro de 1986 trazia a imagem do então presidente da Nicarágua Daniel Ortega e, ao seu lado, o piloto da marinha norte-americana Eugene Hasenfus “derrubado em outubro em missão de apoio aos anti-sandinistas e condenado em Manágua a trinta anos de prisão”²⁴⁷. Na foto, Ortega estava anunciando, em coletiva à imprensa local, o perdão do governo da Nicarágua ao avião estadunidense, e seu retorno aos Estados Unidos. Cena emblemática, pois o governo nicaraguense não estava apenas libertando uma pessoa que cometera crimes contra seu país, mas estava mantendo boas relações com a “maior potência mundial” e marcando pontos na agenda internacional com os Estados Unidos. (grifos nossos). Ortega disse na ocasião, segundo *Veja*, que o ato “era um presente de Natal para o povo dos Estados Unidos”.

Sexta-feira, Hadenfus já estava com seus três filhos em sua casa em Marinette, Estado de Wisconsin, onde alguns vizinhos chegaram à saudá-lo como herói e colocaram faixas

nas janelas com as cores da bandeira americana. Para o presidente Ronald Reagan, o presente de Ortega pode ter sido tão agradável quanto uma bomba-relógio²⁵.

Por bomba-relógio a revista queria trazer a questão das ações que Hadenfus desempenhava no país da América Central. O piloto, quando capturado, confessou às autoridades nicaraguenses que estava aos serviços da CIA, “contrariando as versões da Casa Branca que atribuía os vôos de suprimentos para os contras à iniciativa privada²⁶”. Assim, o piloto, se fosse chamado a depor acerca dos fatos relacionados com o escândalo das armas e o patrocínio aos contras, por parte do governo estadunidense, teria muitas informações que poderia comprometer ainda mais a vida política de Ronald Reagan. “Se for intimado, o que ele tem a dizer pode levar Reagan a desejar que teria sido muito melhor que Hadenfus ficasse onde estava até semana passada”.²⁷

O retrato do caos

O ano de 1987 iniciava com as investigações acerca do caso entre o governo de Reagan e o governo do Irã. Tentado reverter a imagem de descontrole governamental, Ronald Reagan nomeou, ainda em dezembro de 1986, uma comissão especial para investigar os fatos. A comissão denominada “*The Tower*” apurava questões envolvendo altos funcionários do governo da Casa Branca, os militares e assessores diretos do presidente, bem como o próprio Ronald Reagan. A primeira edição que deu maior visibilidade ao tema, conteúdo, no referido ano de 1987 foi a de número 965, em 4 de março de 1987. Sendo, portanto, que ocorreu um intervalo de dezembro de 1986 a março de 1987, neste caso 10 edições.

25 Idem.

26 Idem.

27 Idem.

Figura 6 – Reportagem internacional com o título: “o retrato do caos”: Fonte: Veja (1987a, p. 36).



Esta edição também organizava uma espécie de cronologia dos fatos, desde a revelação da venda de armas por parte dos Estados Unidos ao Irã em troca da libertação dos reféns do Líbano, em novembro de 1986, até 11 de março de 1987 com as investigações da comissão “*the tower*”, quando, na ocasião, Reagan foi ouvido novamente e, então, teria admitido que estava ciente e a par das negociações, e, além disso, que o governo de Israel teria sido cúmplice das negociações e, igualmente responsável pelo transporte do material bélico. Em um infográfico, a revista noticiou em forma de cadeia de fatos, obedecendo a uma linha temporal linear dos episódios. Assim, mesmo quem não tivesse lido nenhuma das edições que estamos utilizando neste artigo, poderia facilmente entender o processo no qual se deu as informações até a edição atual.

Após três meses de investigação, a comissão entregou ao presidente Reagan, um relatório de 300 páginas, contendo o resultado da apuração de 56

pessoas ouvidas, além de documentos governamentais, correspondências, memorandos secretos, entre outros elementos que compuseram o dossiê produzido pela “the tower”. Segundo *Veja*,

Calcado no testemunho de 56 pessoas, entre elas o próprio presidente, ouvido duas vezes, o documento revela um tenebroso quadro de omissão e inépcia dos auxiliares mais diretos de Reagan, passa para toda a administração um atestado de desleixo e irresponsabilidade no trato de questões cruciais da política externa americana, põe em dúvida a palavra do próprio presidente e não o poupa de censura direta pela forma como deixou que toda a operação fosse conduzida. “O CSN atuava fora da órbita do governo dos Estados Unidos”, chega a afirmar a comissão, ao expor o grau de autonomia que Reagan outorgou ao coronel Oliver North. Esse oficial megalomaniaco, com sua parafernália de computadores e uma imaginação delirante, assumiu efetivamente o comando de decisões que só ao chefe do governo cabia tomar²⁸.

A citação acima deixa clara a posição da revista acerca do caso, principalmente com relação ao presidente Ronald Reagan. Primeiramente acusa os assessores de Reagan de incompetentes e omissos. Após diz que eles foram desleixados e irresponsáveis se tratando da condução da política externa dos Estados Unidos, deixando a imagem do presidente ruim perante a opinião pública e tirando o crédito de sua palavra. O relatório da comissão, reforçado por *Veja*, afirma, a partir disso, que o Conselho de Segurança Nacional, dirigido por Oliver North, agia por conta própria e fora da “órbita do governo dos Estados Unidos”. E o periódico termina adjetivando o coronel de megalomaniaco, de imaginação delirante, utilizando-se de equipamentos, chamados por *Veja* de “parafernália de

computadores”, coordenou de forma autônoma e, assim, tomou decisões que agora comprometiam o governo de Ronald Reagan.

Ato de contradição

Para encerrar, Reagan vai à TV e declara-se culpado. Em um ato de tentar “virar o jogo”, o presidente estadunidense faz uma autocrítica e, assim, procurou reconquistar a opinião pública e seus eleitores. Como ele era ator de *Hollywood*, teve “uma ótima atuação”, como retratou *Veja* aos leitores.

Figura 7 – Reportagem internacional com o título: “Ato de contradição”. Fonte: *Veja* (1987b, p. 52).



A excelência do desempenho de Reagan na televisão foi imediatamente alardeada pela própria Casa Branca. Na manhã seguinte, o porta-voz oficial, Marlin Fitzwater, anunciou orgulhoso que dos telefonemas recebidos logo em seguida à transmissão do discurso – mais de 4000, segundo ele – 93% tinham sido de aplauso ao presidente. Sentindo de novo o sabor do sucesso, Reagan afirmou mais tarde, durante uma solenidade na Casa Branca, que, a partir de agora, tocaria

em frente os negócios do governo e que já se desperdiçara tempo demais com o problema das armas²⁹.

Como em um passe de mágica, com um bem organizado discurso televisionado, o presidente Ronald Reagan jogava para “debaixo do tapete” toda a instabilidade dos últimos quatro meses de seu governo. A própria comissão “*the tower*” e alguns senadores democratas concordavam que, acima de tudo, Reagan era um ótimo comunicador, e que nunca tinham duvidado disso. Com relação a conclusão do relatório por parte da comissão especial, foi de que “Reagan era um péssimo presidente”.

Obviamente que o inquérito movido pelo Congresso dos Estados Unidos, ainda estava longe de acabar. Em abril de 1987, começariam as audiências públicas que seriam transmitidas, assim como foram as do caso Watergate, quando Nixon renunciou à presidência dos Estados Unidos. Contudo, o caso parecia já perder força, sobretudo após a comovida aparição de Reagan e cadeia nacional auto culpando-se e mostrando-se arrependido dos fatos. A atribuição de culpa colocada na conta dos assessores Oliver North e Jonh Poindexter também auxiliariam na melhora da imagem do presidente, sendo que transformava a questão em uma espécie de “ter confiado nas pessoas erradas”, ou “ter dado autonomia demais para assuntos presidenciais”.

Considerações finais

Primeiramente, temos de destacar a ideia da transposição dos fatos por meio da dinâmica narrativa seriada. Nas edições analisadas, existem

elementos que dão conta de estabelecer uma sequência de notícias dos eventos ligados ao presidente Ronald Reagan e o caso Irã-contras. Essa articulação jornalística não é desprezível, pelo contrário, é justamente uma estratégia para manutenção da audiência dos leitores do periódico.

Pode-se observar que no discurso, tanto escrito quanto imagético, *Veja* apresenta o presidente Reagan como um líder acuado em meio a contradições com seus assessores militares, contudo, apresenta o Irã como um Estado terrorista e que violava as mais comuns normas de convivência internacional. O Irã cometeu, segundo o periódico, um ato de banditismo contra uma nação pacífica e ordeira, configurando-se, assim, como um “Estado pirata”.

Em novembro de 1979, quando da tomada da embaixada estadunidense por estudantes iranianos, a “crise dos reféns”, *Veja* articulou sua midiatização posicionada contra o islã e os iranianos, vitimizando os Estados Unidos. Naquela ocasião, a revista não poupou os adjetivos e substantivos que demonizassem o Irã e enaltecessem ou diminuíssem as responsabilidades dos Estados Unidos. Termos como tresloucado, raivoso, delirante são comuns para referendar os iranianos, principalmente em se tratando dos religiosos.

O episódio dos reféns é mais um exemplo de como *Veja* articulou sua midiatização posicionada contra o islã e os iranianos. A revista não poupou os adjetivos e substantivos que demonizassem o Irã e enaltecessem ou vitimassem os Estados Unidos. Termos como tresloucado, raivoso, delirante são comuns para referendar os iranianos, principalmente em se tratando dos religiosos. Constrói-se uma imagem do Irã e sua sociedade ligada ao caos e à irracionalidade; ao estabelecer essa imagem, reforça-se o lado racional e o modelo a ser seguido, ou seja, o ocidental, o qual é progressivo e civilizado. Dessa forma, ao representar o Irã e o Islã, *Veja* estabelece a imagem positiva do Ocidente legitimando um paradigma de sociedade ideal em franca oposição ao polo negativo, o

Oriente³⁰.

Produzia-se, assim, uma imagem do Irã e sua sociedade ligada ao caos e à irracionalidade; ao estabelecer tal representação, reforça-se o lado racional e o modelo a ser seguido, ou seja, o ocidental, o qual é progressivo e civilizado. Contudo, ao representar o Irã e o Islã ou os iranianos, *Veja* estabelece status de retrocesso, violação dos direitos humanos e obscuridade, ao contrário do Ocidente, o qual é o exemplo da modernidade e desenvolvimento legitimando, portanto, um paradigma de sociedade ideal, ao contrário do Oriente, polo negativo e retrógrado.

Com uma espécie de narrativa seriada, a partir de momentos de tensão-resolução, *Veja* dá a entender que o presidente Ronald Reagan, foi compelido a tomar as atitudes de negociar com os iranianos em nome dos reféns e pelo objetivo de salvar suas vidas. Em uma ideia de “os fins justificam os meios”, a revista, apesar de, por vezes, apresentar um tom de denuncia aos fatos reportados, demonstra que os iranianos foram uma espécie de elemento chave nas decisões de Reagan e que, por vingança e oportunidade de humilhar os Estados Unidos, expuseram as negociações secretas com os estadunidenses.

30 ZANONI, David Anderson Zanoni. **A crise dos reféns do Irã através da Revista Veja (1979-1981):** produção de sentidos através da narrativa jornalística. Cadernos do CEOM (ISSN 2175-0173): História e imprensa, Chapecó, v. 30, n. 47, p. 09-23, dez. 2017. <http://dx.doi.org/10.22562/2017.47.01>

Referências

- CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso das mídias**. Tradução Angela M.S. Correa. São Paulo: Contexto, 2013.
- COGIOLLA, Osvaldo. **A revolução iraniana**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- DELGADO, Lucília de A. Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org). **História do tempo presente**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014,
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanesi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista: Imprensa e práticas culturais em tempos de República**. São Paulo: Editora da USP; Fapesp, 2008.
- SAID, E. W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SILVA, Carla Luciana. **Veja: o indispensável partido neoliberal (1989-2002)**. Cascavel: Edunioeste, 2009.
- VEJA. Edição nº 949, 12 nov. 1986a. Abril Accounts – Acervo digital da Revista Veja Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/index.html>>. Acesso em: 7 ago. 2018.
- _____. Edição nº 950, 19 nov. 1986b. Abril Accounts – Acervo digital da Revista Veja Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/index.html>>. Acesso em: 7 ago. 2018.
- _____. Edição nº 951, 26 nov. 1986c. Abril Accounts – Acervo digital da Revista Veja Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/>>

index.html>. Acesso em: 7 ago. 2018.

_____. Edição nº 952, 03 dez. 1986d. Abril Accounts – Acervo digital da Revista Veja Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/index.html>>. Acesso em: 8 ago. 2018.

_____. Edição nº 953, 10 dez. 1986e. Abril Accounts – Acervo digital da Revista Veja Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/index.html>>. Acesso em: 8 ago. 2018.

_____. Edição nº 955, 24 dez. 1986f. Abril Accounts – Acervo digital da Revista Veja Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/index.html>>. Acesso em: 8 ago. 2018.

_____. Edição nº 956, 31 dez. 1986g. Abril Accounts – Acervo digital da Revista Veja Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/index.html>>. Acesso em: 9 ago. 2018.

_____. Edição nº 965, 04 mar. 1987a. Abril Accounts – Acervo digital da Revista Veja Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/index.html>>. Acesso em: 9 ago. 2018.

_____. Edição nº 966, 11 mar. 1987b. Abril Accounts – Acervo digital da Revista Veja Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/index.html>>. Acesso em: 10 ago. 2018.